



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR  
Blumenau - SC - Brasil

---

ORIGENS DO CIRCUITO DE CINEMAS DE RUA DO VALE DO ITAJAÍ - SC (1900-1930):  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL, IMIGRAÇÃO E CULTURA

**Yasmin Lopes Müller** (UDESC) - yasmin.muller@edu.udesc.br

*Formada em Arquitetura e Urbanismo pela UDESC. Aluna do programa de mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da UDESC*

**Renata Rogowski Pozzo** (UDESC) - renata.pozzo@udesc.br

*Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da UDESC (campus Florianópolis)*

## **ORIGENS DO CIRCUITO DE CINEMAS DE RUA DO VALE DO ITAJAÍ - SC (1900-1930): DESENVOLVIMENTO REGIONAL, IMIGRAÇÃO E CULTURA**

### **1 INTRODUÇÃO**

O mito de origem do cinema data do final do século XIX, mais especificamente no ano de 1895, quando foi inventado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière. Cinco anos depois, em 11 de agosto de 1900, longe do continente europeu e já em terras brasileiras, Blumenau recebe uma exibição de películas de filmes, sendo a primeira registrada em todo estado de Santa Catarina. Este fato é notável, pois trata-se de uma região cuja ocupação colonial havia sido iniciada apenas 55 anos antes, a partir da fundação da Colônia Blumenau. A mesma programação exibida pela primeira vez no Teatro Frohsin de Blumenau, foi apresentada na cidade de Indaial uma semana depois, nos dias 18 e 19 de agosto, no Salão de Arnold Lueders. Estes filmes chegaram à Florianópolis em 02 de setembro de 1900 (KORMANN, 1996).

Partindo do questionamento sobre como o cinema, tipicamente ligado ao universo moderno, urbano e industrial, chegou tão remotamente a uma região de recente desenvolvimento, o presente artigo expõe os resultados de uma investigação sobre a gênese da atividade de exibição cinematográfica no Vale do Itajaí (Santa Catarina) em associação com o processo de formação e desenvolvimento regional.

A análise da formação do circuito exibidor do Vale revela um processo de desenvolvimento regional complexo, com múltiplas determinações a serem consideradas, tanto de ordem econômica, quanto cultural. Coloca-se como hipótese, que a precocidade da chegada do cinema nessa região deve-se especialmente ao caráter urbano e técnico da imigração alemã e, também, ao valor atribuído à cultura como forma de assimilação dos imigrantes às novas terras.

As primeiras exibições cinematográficas realizadas no Vale do Itajaí apresentam algumas características em comum. Foram realizadas por ambulantes ou em espaços não propriamente edificadas para tal, como teatros, salões de sociedades recreativas e hotéis. Trata-se de uma fase que em geral se estende desde 1900 até a década de 1930 nas principais cidades, como Itajaí, Blumenau e Brusque, mas se expressa nas décadas de 1940 e 1950 em cidades menores (Gaspar, Ibirama, Rodeio, Rio dos Cedros e Pomerode). O movimento exibidor no vale, neste período, está intimamente ligado à dinâmica da imigração e o desenvolvimento inicial dos sucessivos *meios técnicos* na região, conforme a denominação de Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001).

Estes autores propõem uma periodização para o território brasileiro baseada em três períodos: *meio natural*, *meio técnico* (final do século XIX - 1970) e *meio técnico-científico-informacional* (1970 ao presente). Nota-se que as primeiras exibições cinematográficas no Vale aparecem na segunda fase do

segundo período, a qual os autores denominam de "meio técnico da circulação mecanizada e dos inícios da industrialização", e que ocorre entre o início do século XX e a década de 1940. Esta fase é marcada pelo espalhamento de máquinas de produção e de circulação pelo território, mecanização e motorização do território, pelos primórdios da industrialização e pela implantação de infraestruturas como ferrovias e usinas hidrelétricas: "Rompiasse, desse modo, a regência do tempo 'natural' para ceder lugar a um novo mosaico: um tempo lento para dentro do território que se associava com um tempo rápido para fora" (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 37).

Neste contexto, é notável que as primeiras exposições estavam associadas à ascensão do capital comercial e industrial do Vale, bem como com as iniciativas de modernização territorial providas destes agentes em associação com o Estado (notadamente a implantação de infraestruturas de energia elétrica e ferrovias).

Neste período inicial, as salas de cinema do Vale do Itajaí contavam com exposições de películas vindas diretamente do continente europeu, não dependendo exclusivamente das primeiras distribuidoras brasileiras do eixo Rio-São Paulo. Isso só foi possível devido à influência do capital industrial e comercial da região, o qual operava fazendo esta ponte entre continentes. O Vale contava com indústrias que surgiram da pequena produção mercantil (MAMIGONIAN, 1965) no fim do século XIX e início do século XX, como a Indústria Hering, Empresa Industrial Garcia, Renaux, dentre outras, que traziam maquinários e investimentos direto da Europa, principalmente da Alemanha.

Estas indústrias locais tinham como característica o fomento de iniciativas culturais para seus funcionários e comunidade, contribuindo para o intuito de formar uma coesão étnica na região (MAMIGONIAN, 1965). Podemos salientar o fato também de que até o século XX elas contavam com vilas, escolas e toda uma infraestrutura própria para seus trabalhadores. Deste modo, os primeiros cinemas e espaços de cultura não se limitaram ao perímetro dos centros das cidades, abrangendo áreas periféricas, como o exemplo do Cine Garcia, localizado no bairro homônimo na cidade de Blumenau, um cinema popular próximo às indústrias têxteis ali presentes.

Ao levarmos em consideração o médio vale, onde se encontra a capital regional Blumenau, a popularização do cinema ocorre mediante parceria com as indústrias, que facilitavam o acesso a seus funcionários e criavam redes de infraestrutura urbana nos bairros onde se instalavam. Ao mesmo tempo, habitantes de outras cidades do vale tinham a oportunidade de frequentar os cinemas graças à presença de ferrovias e linhas de ônibus que faziam a ligação entre os municípios.

Do ponto de vista metodológico, é importante ressaltar a concepção de escala presente no trabalho. Embora a escala espacial da pesquisa compreenda uma região bem delimitada, o Vale do Itajaí, as análises, a todo momento, cruzam especialmente com duas outras escalas: a nacional e global. Tal qual aponta Castro (2014, p. 90):

Definir as escalas local, regional, nacional e global como recortes significativos, não obedece a qualquer formalismo restritivo das possibilidades heurísticas da análise de quaisquer fenômenos nessas escalas, mas apenas considera os recortes significativos do fato

político institucional, do modo como ele tem sido vivenciado desde que os romanos organizaram seus territórios de ação e desde que o estado moderno impôs-se como modelo de organização das estruturas de poder no território (CASTRO, 2014, p.90).

O corpus da pesquisa, segundo definição de Bauer (2008), é formado basicamente por um banco de dados com informações acerca das salas de cinema existentes ao longo da história no Vale do Itajaí, além de um acervo iconográfico. Este banco de dados foi construído a partir do Projeto de Pesquisa "Corpo Espacial do Cinema", realizado junto a Universidade do Estado de Santa Catarina desde 2016, e congrega as seguintes informações: município, mesorregião, data de instalação, nome do cinema, nome do proprietário, endereço, coordenadas geográficas, data de inauguração, se o cinema ainda funciona, se a edificação ainda existe, o que funciona hoje na edificação, número de poltronas, qual o primeiro filme exibido e observações extras.

Os procedimentos metodológicos para construção deste banco de dados envolveram Pesquisa histórico-documental em Arquivos Históricos das cidades de Itajaí, Blumenau e Rio do Sul e Acervos Pessoais; Pesquisa de campo no contexto urbano das salas e Entrevistas. Mais do que simplesmente inventariar e localizar temporal e geograficamente as salas de cinema, esta pesquisa tem um objetivo de análise e síntese, não limitando-se à mera descrição dos fatos. Ou seja, além de identificar *o que* aconteceu e *como* aconteceu, objetiva compreender os *porquês*, os nexos, as continuidades e discontinuidades históricas e geográficas. Neste caminho, a Revisão Teórica e Histórica é um procedimento fundamental e constante.

A pesquisa também é permeada pela questão da complexidade em mapear um contexto histórico, pois trata de diferentes décadas ao longo da história do Vale do Itajaí e sua relação com o desenvolvimento territorial. Para melhor representar a presença do cinema no território estudado, as salas foram localizadas sobre cartografias históricas, que demonstram divisões administrativas pretéritas.

## **2 PIONEIROS: EXIBIÇÕES EM SALÕES, TEATROS, HOTÉIS E ITINERANTES**

Em 1900, o cinema, esta nova arte-técnica, chega ao Vale do Itajaí, mais especificamente à Blumenau. Por conta da grande ligação dos alemães com seu continente de origem, a colônia recebia embarcações com produtos vindos do velho continente com frequência. Deste modo, no dia 21 de abril de 1900 foi apresentado o primeiro filme em Blumenau, com maquinário vindo da Europa, pelo Sr. Gustavo Arthur Koehler, no Teatro Frohsinn (Figura 1).

Koehler nasceu em Dresden, na Alemanha em 1875. Sobrinho de Hermann Hering, resolveu imigrar para o Brasil junto a família. Já em terras brasileiras, foi redator, proprietário e sócio majoritário do jornal *Der Urwaldsbote* a partir de 1900. Com o material tipográfico adquirido junto ao jornal, iniciou outra empresa denominada "Tipografia e Livraria Blumenauense S/A". Nunca se envolveu pessoalmente em lutas políticas, seu intuito era transformar o jornal em um órgão de imprensa dedicado aos colonos, imigrantes, classes comerciais e industriais. Ajudou a fundar o *Volksverein*,



Sindicato Agrícola Blumenauense, que tinha como uma de suas finalidades, conceder empréstimos e servir de banco e poupança aos colonos. Em princípio da década de 1920, o Sindicato Agrícola empreendeu a colonização da região do Trombudo, no alto vale do Itajaí, construindo estradas e prolongando a estrada de Trombudo até o rio Canoas.



**Figura 1: Teatro Frohsinn, 1900.**

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

O Cine Busch foi o primeiro local a apresentar exhibições fixas na cidade de Blumenau e em todo o Vale. Ele iniciou suas exhibições em 1904, ocupando o salão do Hotel Holetz. Frederico Guilherme Busch nasceu em Santo Amaro da Imperatriz, na Grande Florianópolis, e se mudou para a cidade de Blumenau em 1888. Começou a carreira atuando como comerciante e investiu o excedente do comércio na indústria, criando fábricas de fósforo, charutos, manteiga e banha. Para automatizar sua própria indústria, em 1905 ele instalou a primeira usina hidrelétrica da cidade e da Província de Santa Catarina. Duas turbinas hidráulicas foram construídas na localidade de Gasparinho para alimentar sua empresa e o cinema. O excedente da produção de energia começou a ser comercializado por ele para os demais industriais da cidade. Ele foi também um dos gestores da Empresa Industrial Garcia, entre 1901 e 1906, a qual mais tarde se tornou a Artex. Seu filho, Frederico Guilherme Busch Júnior nasceu em 1899 e iniciou a carreira trabalhando junto a empresa do pai. Na década de 1940 foi responsável pela construção da nova edificação do Cine Busch, enfim separada das dependências do Hotel. Foi gerente do Banco Sul do Brasil, organizado por Henrique Lage (BLUMENAU EM CADERNOS, 1961) e prefeito da Blumenau nos anos de 1945 a 1961.

O industrial Frederico Guilherme Busch também levou o cinema à Itajaí. A estreia do seu cinematógrafo na cidade deu-se no salão da Sociedade Estrela do Oriente, para cerca de oitenta espectadores no ano de 1909 (BONA, 2010). Para que as exibições cinematográficas fossem possíveis em Itajaí, Busch precisou obter energia elétrica que era levada de seu dínamo até o edifício. Por esse feito inaugurou-se o primeiro trecho iluminado da cidade, que posteriormente, com apoio do Governo Municipal, foi ampliado para todo o âmbito urbano (LINHARES, 1997).

Na cidade de Brusque, as primeiras exibições ocorreram no Cinema Moderno (figura 2), propriedade de Willibaldo Stracke. Este foi instalado em 1912 e operava películas com programação semanal no salão do *Hotel Zum Deutscher Kaiser*, propriedade de Guilherme F. Krieger. O local também abrigava as atividades dos clubes “4 de agosto”, “Liberdade” e “Sport Clube Brusquense” (BLUMENAU EM CADERNOS, 1969).



**Figura 2: Anúncio do cinema moderno divulgado no jornal Brusque Zeitung de 4 de janeiro de 1912.**

Fonte: Hemeroteca Catarinense

Também em Brusque, poucos anos depois, em 1915, Carlos Gracher passou a projetar filmes, ainda mudos, no Cine Esperança, após iniciativa privada que permitiu instalações para energia elétrica na cidade (BRUSQUE MEMÓRIA, 2018). O cinema que operava anexo ao Hotel Schefer (Figura 3), era propriedade de João Schaefer, que também mostrava interesse pelas exibições cinematográficas e arrendou o hotel por alguns anos a Carlos Gracher. Carlos também foi proprietário em 1932 do Cine Guarany (GRACHER, 2005), localizado na rua Cônsul Carlos Renaux em uma edificação de um antigo convento que lhe foi doado pelo seu sogro, a qual reformou e instalou o cinema e a primeira hospedaria da cidade, onde hoje está localizado o Hotel Gracher. Filho de imigrantes alemães, Carlos Gracher nasceu no sul do estado, na cidade de Tubarão, e aos 15 anos de idade se mudou para a cidade de Brusque.



**Figura 3: Hotel Schaefer, década de 1920.**

Fonte: Arquivo família Gracher.

Nos primórdios as películas também eram apresentadas por cinemas itinerantes. Os principais pioneiros dos cinemas itinerantes do Vale do Itajaí foram José Julianelli e Alfredo Baumgarten. Ambos, além de apresentarem películas, também começaram a produzir suas próprias imagens cinematográficas. Segundo Pires (2000), Baumgarten produziu alguns filmes locais como "Os atirados de Timbó" e "Bella Aliança". Apresentavam-nas em locais como clubes de caça e tiro e casas de comércio para um grupo limitado de pessoas (PIRES, 2000).

Julianelli, nascido em 1883 na Itália, trabalhava inicialmente em um circo, que deixou para virar cinematógrafo itinerante. Tornou-se figura popular na região por percorrer diversas cidades. Por volta de 1909, Julianelli entrou em contato com a Pathé Frères de Paris e trouxe, do Rio de Janeiro, um cinematógrafo. A estreia do cinematógrafo foi na cidade de Blumenau, como uma das atrações do "Pavilhão Recreativo", um circo itinerante que percorria a região, como comprova o anúncio do jornal *Blumenauer Zeitung* (figura 4). Alguns anos depois, o "Pavilhão Recreativo" passou a se chamar "Circo de Variedades".



**Circo Pavilhão Recreativo**  
**CINEMA POPULAR**  
 Motoskop, Fallante Cinematographia Moderna  
 O maior e mais aperfeiçoado que se apresenta na America do Sul  
**Empresa JULIANELLI**

---

**Hoje!**      **As 8 1/2 horas em ponto**      **Hoje!**

Será exhibida a grandiosa fita sacra  
**NASCIMENTO, VIDA, PAIXÃO E MORTE**  
**DE N. S. JESUS CHRISTO**

artisticamente colorida, a mais completa que vae ser exhibida nesta cidade. Sumptuosa e deslumbrante fita de grande metragem composta de 75 bellissimos quadros dividido em 7 partes.

Este Espectaculo é dedicado ao respeitavel publico e as Exmas. familias desta cidade.

Chama-se attenção do respeitavel Publico de não confundir com outras fitas de igual titulo, aqui exhibidas com menos metragem e incompletas sem valor algum, a unica empresa que possui a importante fita sacra Nascimento, Vida, Paixão e Morte de N. S. Jesus Christo. Com 3.000 metros e 75 bellissimos quadros.

Esta bella fita foi importada directamente de Paris da casa Pathé Freres pela Empresa Julianelli, custando o metro 3\$200. Ultima palavra do Pathé Color Cinematographia de Cores.



Todos  
ao  
Circo



Ver a  
realidade

**Figura 4: Anúncio Circo Pavilhão Recreativo, 1909.**

Fonte: Hemeroteca Catarinense

A partir de meados da década de 1930, começam a ser implantadas as primeiras grandes salas de cinema fixas do Vale do Itajaí. Entretanto, algumas cidades da região, que foram desmembradas mais tardiamente e não eram cidades polo como Blumenau, Itajaí e Brusque, contaram com exhibições em salões e teatros, além de exhibições itinerantes e salas muito modestas em um período posterior a década de 1930. Estes cinemas merecem destaque por terem características diferenciadas. Muitos foram frutos da reutilização de películas já exibidas nas cidades polo e levadas de trem ou ônibus para serem exibidas a novos públicos.

Os primeiros cinemas a chegarem na cidade de Gaspar foram os itinerantes de José Julianelli, seguido dos irmãos Holwarth na década de 1940, ambos instalados no Salão do Hotel Wehmuth. Nesta cidade, em meados da década de 1950, Walter Mogk inicia suas exhibições também no Salão do Hotel Wehmuth, desta vez como um cinema fixo, que logo mudou-se para um salão ao lado do Café União, propriedade do Sr. Roland Schöenfelder. Walter Mogk é uma figura dotada de uma interessante história. Filho de alemães, nasceu no continente africano no início do século XX. Seu pai era oficial do exército e, após o fim da primeira guerra mundial, decidiu emigrar para o Brasil em vez de retornar ao velho continente. Ainda na região onde fica a atual Namibia, Mogk



foi aprendiz do mágico chamado Opialek. Já no Brasil, ele foi aluno do maestro Heinz Geyer e começou a construir violinos. Após algum tempo, resolveu voltar a se dedicar a mágica. Sob codinome de “Okahandja”, viajou pelo Brasil e outros países da América Latina fazendo apresentações. Suas apresentações eram compostas também por exibições de películas. Ao ver o sucesso feito pelas películas, resolveu investir no ramo cinematográfico. Seu primeiro cinema foi na cidade de Curitiba, porém a sociedade para tal fim não deu certo e Walter Mogk resolveu ir rumo à Blumenau. Seus pais eram proprietários de um salão de Baile no atual bairro Itoupava Norte, próximo a Tecelagem do Sr. Kuenhrich. A primeira sessão aconteceu no dia 3 de setembro de 1941, apresentando o filme “O Tirano de Alcatraz”. Aproveitando-se do sucesso, ele começou a exhibir seus filmes em cidades vizinhas. O filme era exibido aos domingos à tarde no Cine Mogk da Itoupava Norte, em Blumenau. Logo em seguida era despachado de ônibus para Pomerode, onde tinha sessão à noite. E assim, foram surgindo os vários Cine Mogk espalhados por cidades do Vale do Itajaí<sup>1</sup>.

Em 1954, José Julianelli também passa por Pomerode com seu cinema. Localizado no Hotel Pomerode, era concorrente de Mogk, que também exibía películas em hotéis da cidade. Segundo Baumgarten (2001, p. 111), a respeito do Cine Mogk, “Seu único concorrente era José Julianelli, cujos equipamentos eram mais precários e com quem muitas vezes tinha que disputar o mesmo espaço nas cidades vizinhas. Os poucos salões existentes eram utilizados pelos dois. Walter normalmente ganhava a concorrência de Julianelli”.

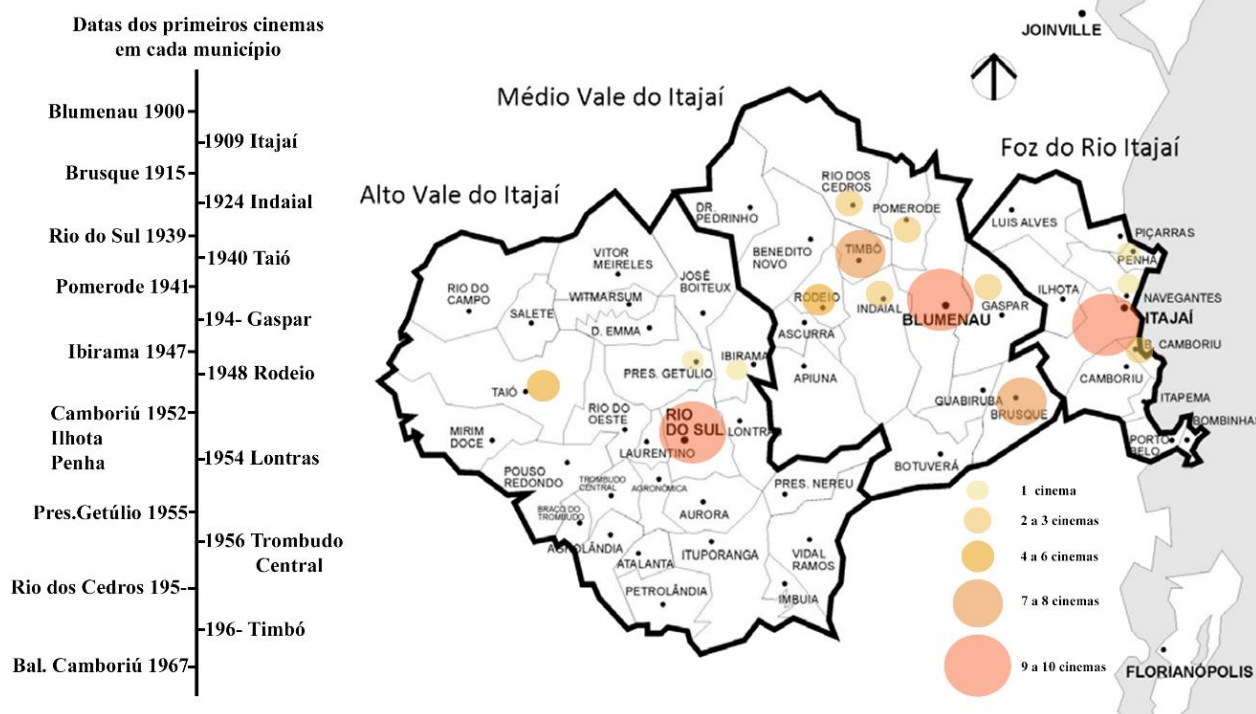
Os dois primeiros cinemas da cidade de Rodeio foram inaugurados no ano de 1948, por Sr. Finard que exibía películas 16mm em um anexo de seu restaurante, e seu vizinho Sr. Rigo, que também iniciou um cinema em seu “Rancho”. O filho de Sr. Rigo, Joaquim Rigo também chega a administrar um cinema na cidade posteriormente, localizado no Salão Paroquial de Rodeio. O último cinema da cidade foi o Cine Rex, localizado no Salão Paroquial Cristo Rei.

Rio dos Cedros teve seu primeiro cinema ao fim da década de 1950 no Salão Paroquial da Igreja Imaculada Conceição, no centro da cidade, onde operou até 1967.

No Vale do Itajaí, o cinema não apenas chega precocemente, como torna-se um elemento de sustentação e expansão econômica da região, especialmente do ponto de vista da exibição cinematográfica, ou seja, das salas de cinema. Após a fase das exibições em espaços culturais, durante o século XX o Vale do Itajaí conformou uma rede exibidora que contou com salas icônicas como o novo Cine Busch de Blumenau ou o Cine Palace de Rio do Sul, fruto do investimento de prósperos comerciantes e industriais que expandiram sua rede inclusive para outras regiões, como o Vale do Rio Tijucas. Trata-se, de fato, da rede exibidora de maior envergadura no território catarinense, com 68 salas de cinema identificadas dentro de um universo de cerca de 250 estabelecimentos de rua presentes em Santa Catarina ao longo do século XX (Figuras 5 e 6).

---

<sup>1</sup> Fonte: Arquivo Adalberto Day com participação do Escritor e Jornalista Carlos Braga Mueller, 2008. Disponível em: <<http://adalbertoday.blogspot.com/2008/08/o-cinema-em-blumenau-parte-v.html>>. Acesso em 12/03/2020.



**Figura 5: Mapa temático do Vale do Itajaí com a quantidade de cinemas em cada município do século XX e datas de abertura.**

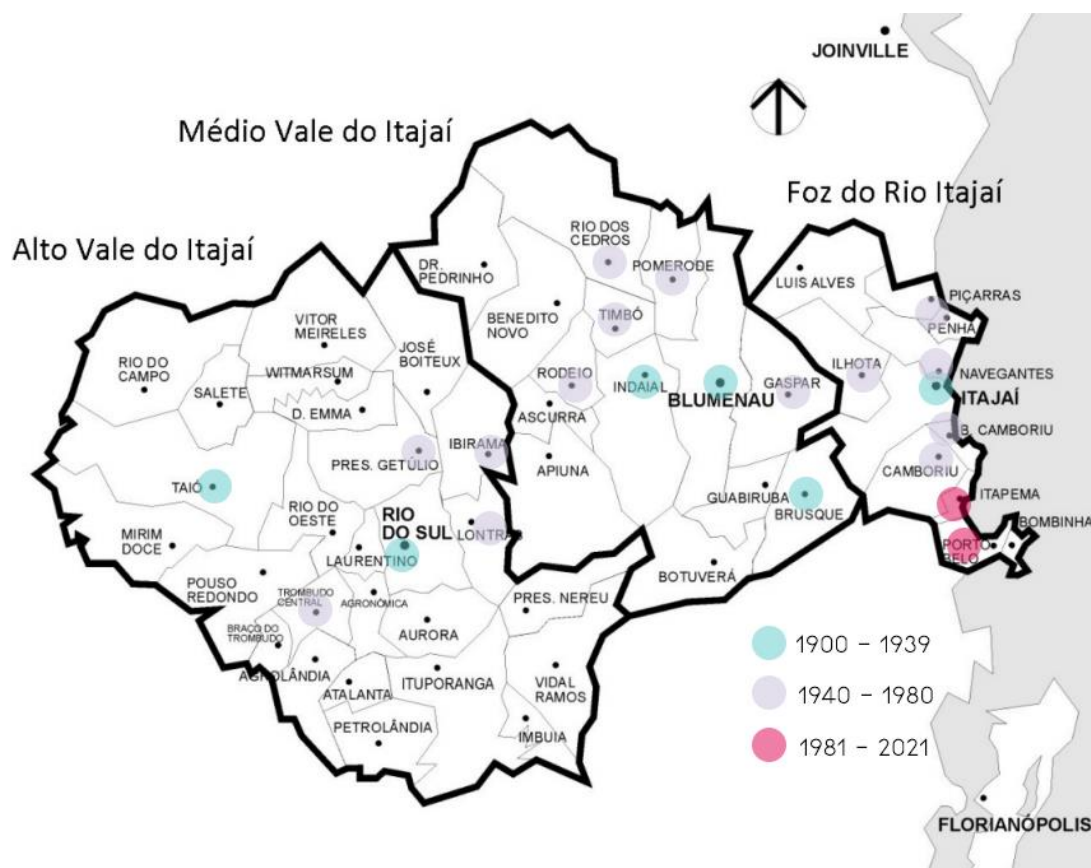
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Cidade	Cinemas de Rua	Total	Em funcionamento	Multiplex em Funcionamento
Balneário Camboriú	Dellatorre; Itália; Auto Cine	3	0	4
Balneário Piçarras	Cine Atlântico	1	0	0
Blumenau	Busch; Blumenau; Garcia; Carlitos; Atlas; Mogk; Edith Gaertner	7	0	4
Brusque	Moderno; Esperança; Guarany; Ufa; Coliseu; Real; Gracher	7	0	1
Camboriú	Cine Camboriú	1	0	0
Gaspar	Holwarth, Julianelli, Mogk	3	0	0
Ibirama	Cine Teatro Ibirama	1	0	0
Ilhota	Cine São Luiz	1	0	0
Indaial	Mogk; Ascurra; Rui	3	0	0
Itajaí	Oriente; Busch; Victoria; Itajahy; Ideal; Rex; Luz; Estrella; Íris; Catholico; Círculo; Berlim; Oriente; Popular; Vitória; Escala; Coral	18	0	1
Navegantes	Cine Navegantes	1	0	0
Penha	Cine Atlântico	1	0	0
Pomerode	Jullianelli; Mogk	2	0	0
Presidente Getúlio	Sonho Azul	1	0	0
Rio do Sul	Brattig; Barra; Lontrense; Bohen; Central; Santo Antônio; Palace Rio Sul; Dom Bosco	8	0	1
Rio dos Cedros	Bebem; Heck	2	0	0
Rodeio	Finard; Rigo; Rex	3	0	0
Taió	Hutzen; Athenas; Jullianelli	3	0	0
Timbó	Mogk; Cine Teatro	2	0	0
TOTAL		68	0	11

**Figura 6: Tabela com a quantidade de cinemas em cada município do Vale do Itajaí no século XX.**

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Após este período de gênese e desenvolvimento inicial (1900-1930), o desenvolvimento da rede exibidora passa a responder a um novo contexto de desenvolvimento nacional (desenvolvimentismo Getulista) e internacional (conquista da hegemonia estadunidense, e com ela, do cinema Hollywoodiano). Assim, a rede do vale acompanha as flutuações do cenário nacional: ascensão entre 1930-1970 (exibindo não mais películas europeias, mas hollywoodianas), decadência entre os anos 1980/90 e reconfiguração seguindo o padrão multiplex em novas territorialidades a partir daí (Figuras 7 e 8).

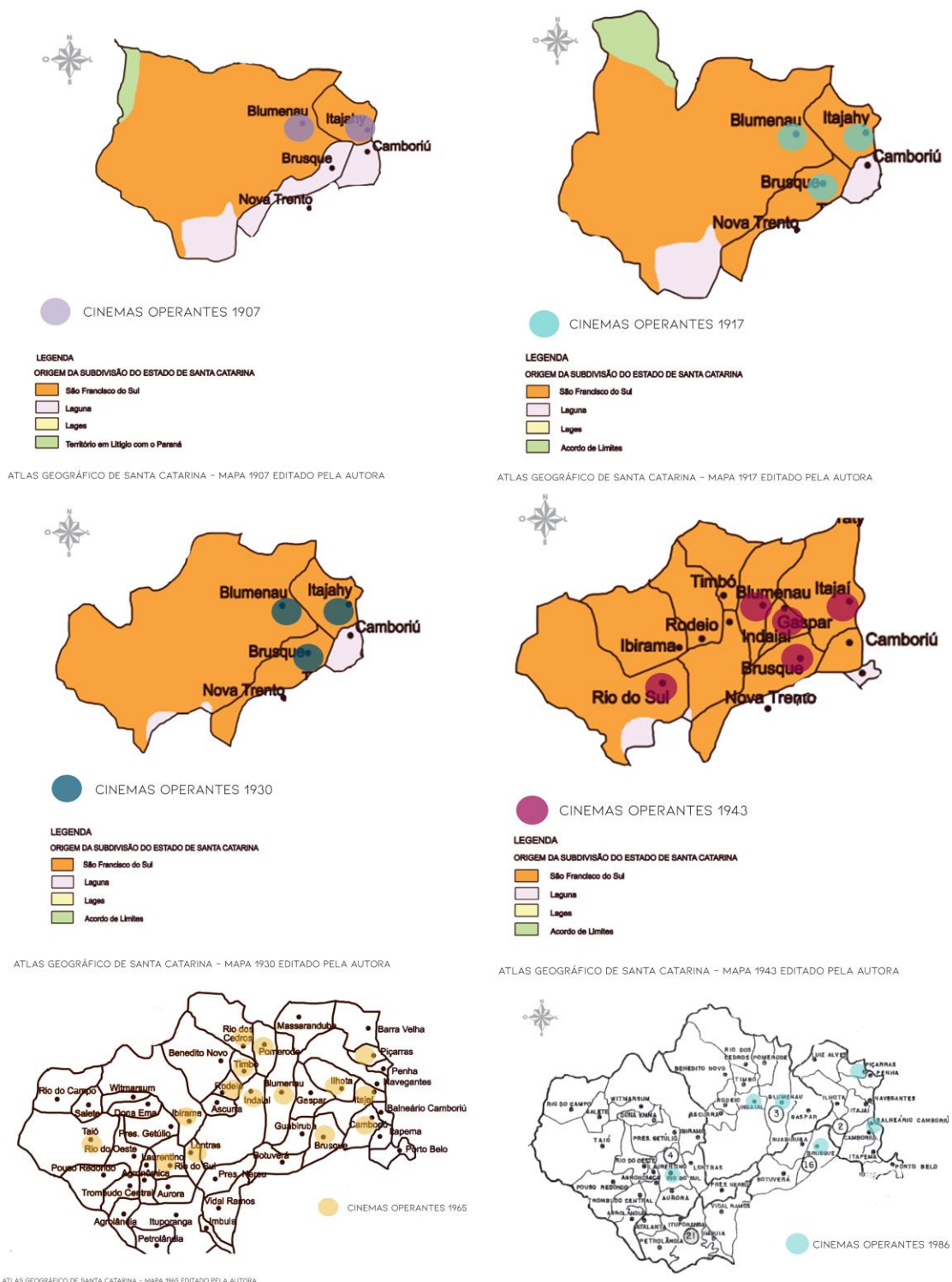


**Figura 7: Cinemas no Vale do Itajaí de acordo com os períodos**

Fonte: Elaborado pelas autoras.



## MAPAS TEMÁTICOS VALE DO ITAJAÍ - CARTOGRAFIA DOS CINEMAS DE RUA DE 1907 A 1991



**Figura 8: Cinemas no Vale do Itajaí de acordo com os períodos**

Fonte: Elaborado pelas autoras.

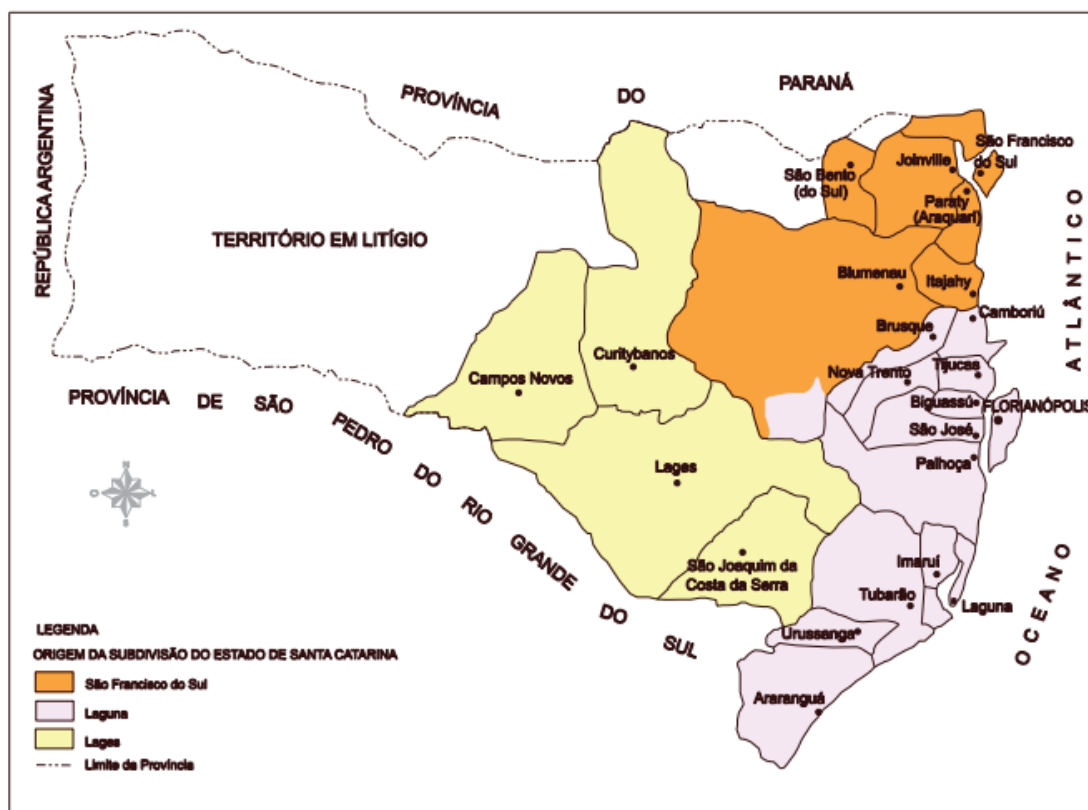
### **3 IMIGRAÇÃO, PERTENCIMENTO E "GERMANIDADE"**

Seyferth (2011) argumenta que as teorias da migração nem sempre contemplam a dimensão cultural. Da mesma forma, embora a questão da etnicidade seja uma marca reconhecida da imigração no contexto do Vale do Itajaí, os âmbitos econômico e tecnológico são mais presentes nas abordagens sobre o intercâmbio entre Brasil e Alemanha na passagem do século XIX para o XX, do que o aspecto cultural.

A colonização do Vale do Itajaí tem início com a fundação da Colônia Blumenau, por Hermann Blumenau, em 1850, no contexto da abertura para as iniciativas particulares de colonização. As iniciativas particulares consistiam na possibilidade de empresas de colonização receberem por compra ou concessão terras devolutas e vendê-las em lotes para imigrantes. Foi o que fez Hermann Blumenau, em associação com um comerciante alemão estabelecido em Desterro (SEYFERTH, 2011).

Em 1842, ainda na Alemanha, Dr. Blumenau foi convidado para participar como sócio da fábrica de produtos químicos que Hermann Trommsdorf instalara em Erfurt. Na casa da família Trommsdorf, Blumenau conheceu e travou relações com o sábio Alexander von Humboldt e com o célebre naturalista Dr. Fritz Mueller, que, como ele, tinham pendor com a botânica e ciências naturais. O convívio com Humboldt, o viajante, e Fritz Mueller, o observador, despertaram em Blumenau ideias de emigrar para o Brasil (KORMANN, 1996, p.13 apud LUCLKTENBERG, 2004, p. 16). Em 1846, após colar grau como Doutor em Filosofia, foi contratado pela “Sociedade de Proteção aos Emigrados Alemães”, e embarcou para a América do Sul.

Esta colônia chegou a confrontar limites com os municípios de Lages e Curitiba, da qual anos depois foram se desmembrando novos núcleos (Figura 9). Blumenau, assim como outras cidades de imigração alemã, encontra-se desenvolvida ao longo dos caminhos e cursos d'água, formada por lotes estreitos e alongados, com casas e ranchos na testada (IPHAN, 2011). Os espaços urbanos das colônias eram denominados de *Stadtplatz* (SEYFERTH, 2011). Surgiram em lugares específicos para sediar a administração de cada núcleo colonial, mas desenvolveram um caráter notadamente comercial, e abrigaram as primeiras iniciativas de exibição cinematográfica do Vale.



**Figura 9: Divisão político-administrativa de Santa Catarina no período imperial, 1889.**

Fonte: Atlas Geográfico de Santa Catarina, 2016.

Os primeiros imigrantes europeus, notadamente alemães e italianos, chegaram ao Vale do Itajaí em meados do século XIX. Inicialmente atracaram em Desterro, na atual região da Grande Florianópolis, e, em seguida, desbravaram os vales atlânticos, formando colônias. Diferentemente dos casos do Paraná e do Rio Grande do Sul, o governo brasileiro, embora tivesse interesse em colonizar as terras catarinenses, acabou designando esta função às empresas colonizadoras, segundo Waibel (1949).

A combinação de terras produtivas e imigrantes com alto nível de conhecimento era o que as empresas colonizadoras desejavam (LUCKTENBERG, 2004). O processo de colonização do sul do Brasil foi baseado na pequena propriedade, ou seja, segundo Waibel (1949), o tamanho médio de uma propriedade de um colono era de 25 a 30 hectares. Este foi um dos motivos que influenciaram os colonos a desenvolverem atividades que dependessem menos da produção unicamente agrícola, dentre elas, a atividade manufatureira.

Entretanto, Seyferth (2011) argumenta que o empreendimento específico da Colônia Blumenau enfrentou muitas dificuldades, pois era necessário um fluxo muito intenso de imigrantes para cobrir as despesas de estruturação territorial, sendo que Blumenau não conseguiu atrair o número necessário de compatriotas:

A iniciativa não fracassou porque o governo imperial assumiu a colonização em 1860, ano em que foi fundada outra “colônia alemã”, oficial, no Itajaímirim – Brusque. Transformado em região de colonização oficial, o médio Vale do Itajaí passou a ser o destino de



imigrantes alemães atraídos pelos subsídios, via agenciadores a serviço do governo imperial. Isso mudou o perfil do colono, pois, a partir de 1875, começaram a chegar imigrantes de outras origens nacionais, notadamente italianos e poloneses. O que antes era um projeto de nova *Heimat* para alemães protestantes, criticado com veemência pela igreja católica, agora recebia não só alemães católicos, mas também gente de outras nacionalidades. Manteve-se, porém, o epíteto de “colônias alemãs” para os principais núcleos coloniais, até porque a maioria da população, na virada do século XX, era de origem germânica e o subsistema cultural ali formado deu respaldo ideológico a essa qualificação. A notoriedade do Vale do Itajaí como lugar de “colonização alemã” deve-se, em grande parte, à atuação de Hermann Blumenau e aos viajantes e outros personagens – aí incluídos os imigrantes “temporários” que retornaram, caso dos Stutzer – que ajudaram a criar a imagem de um lugar balizado pelos valores da germanidade (*Deutschtum*). (SYEFERTH, 2011, p. 50).

Nota-se, portanto, que o discurso de caráter étnico relacionado ao “trabalho alemão”, não deve ser romantizado. A imigração alemã no sul do Brasil e suas características foram fruto de uma série de fatores que podem ser relacionados desde a condição prévia desses imigrantes, aliadas ao fator que os fizeram imigrar e os recursos disponíveis na colônia. “trabalho alemão” foi o termo utilizado por Seyferth (1994) para designar as características atreladas comumente ao colono de origem alemã no sul do Brasil, quando o senso comum as aborda com fatores de superioridade. Segundo a autora:

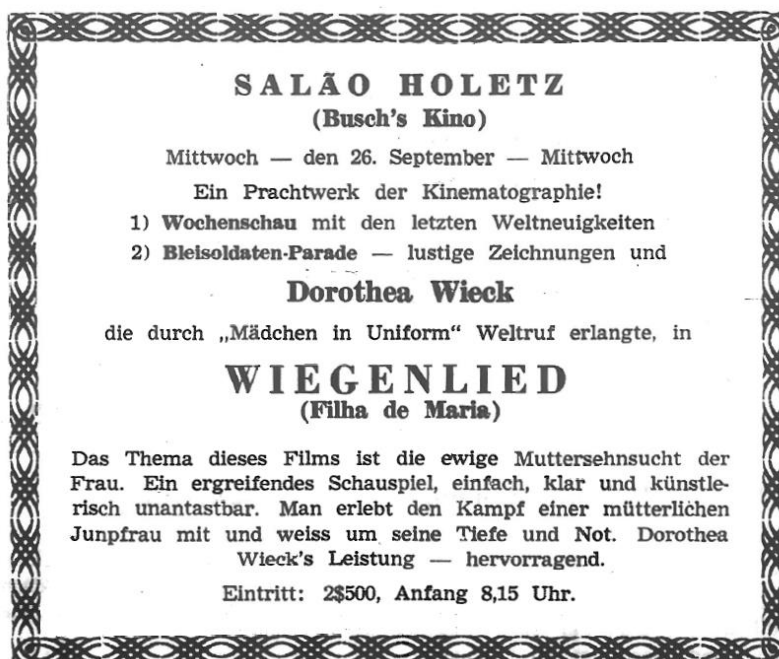
A figura "heroica" que emerge desse tipo de argumento é a do colono pioneiro, que transformou a selva brasileira em civilização, apesar de todas as dificuldades e da omissão do Estado. Aliás, nos relatos de trajetórias bem-sucedidas (inclusive de empresários e políticos que nunca trabalharam na terra) o ponto de partida é quase sempre o colono na selva, o pioneiro! (SYEFERTH, 1994, p.5).

A maioria dos alemães que emigraram para o Brasil tinha origem rural ou pertencia às classes sociais urbanas menos favorecidas, sendo a condição de classe a principal razão para deixarem o país. Quase todas as colônias germânicas do Sul receberam professores, técnicos, músicos e refugiados por razões políticas após a revolução de 1848. Posteriormente, ao fim do século XIX e início do século XX após as crises europeias e a primeira guerra mundial, um ainda maior número de técnicos qualificados passou a deixar a Alemanha rumo ao Brasil (MAMIGONIAM, 1965). Dentre estes imigrantes, muitos tiveram atuação importante na divulgação da cultura alemã e na política local. Conforme Aronson (1976) estes imigrantes exerceram o papel de "empresários técnicos" e participaram formulando, divulgando e constantemente reinventando a ideia básica da ideologia étnica teuto-brasileira: a *Deutschtum* (germanidade). Já no fim do século XIX, essa característica nacionalista ligada a identidade alemã, e não brasileira, fortalecia as ligações com ligas pangermânicas e, posteriormente, iniciativas de apoio aos governos nazista e fascista instaurados em países da Europa. É também a base utilizada pelo apelo turístico ligado à cidade de Blumenau na contemporaneidade. Entretanto, inicialmente foi utilizada como forma de propaganda da colônia para atrair imigrantes e, também, como estratégia para criação de um contexto de adaptação e pertencimento a estes nas novas terras.

Segundo Seyferth (2011, p. 51), "Cultura e etnicidade estão entrelaçados, o que põe em evidência a diferença (em relação aos "outros") e o embasamento da identidade.". Para esta autora, na prática, a característica preponderante para qualificar esta germanidade seria o uso comum da língua.

Nas colônias, havia prevalência de dialetos que eram ensinados pelas famílias aos seus filhos mesmo quando as escolas em sua maioria ensinavam o português. Em 1904, havia 120 escolas alemãs no Vale do Itajaí, sendo somente 4 destas instauradas pelo governo estadual (MAUCH, 1994). Essas escolas criadas pelos colonos que lecionavam alemão, foram resultado da escassez de escolas públicas estatais para suprir a demanda de ensino às crianças das colônias.

Essas etnicidades foram permanentemente enfatizadas por publicações periódicas que ocorriam majoritariamente em língua alemã no Vale do Itajaí - jornais, almanaques, textos e até uma literatura teuto-brasileira - produzidas entre 1852 e 1939 por membros da comunidade influentes nas escolas, associações culturais e na política local. Por este motivo, os filmes exibidos no Vale do Itajaí eram predominantemente alemães (figura 10). Mesmo após o cinema sonoro, eram exibidos sem legenda ou dublagem. Neste período de gênese, o cinema se afirma como um componente importante para afirmação dessa "germanidade".



**Figura 10: Anúncio de cinema no jornal *Der Urwaldsbote***

Fonte: *Der Urwaldsbote*, 3 de agosto de 1958.

Em Blumenau, os primeiros jornais surgiram após a emancipação da Colônia homônima, em 1880. No dia 1º de janeiro de 1881 nasce o *Blumenauer Zeitung* (Figura 11), que só deixou de circular no ano de 1938. Em 1891, inicia-se o jornal *Imigrant* e em 1893 o conhecido *Der Urwaalsbote*, que deixou de circular em 1941. Todos os três jornais tinham em comum o fato de serem publicados em língua alemã, sendo que o *Der Urwaalsbote* só apareceu em português no seu último ano de circulação.



Figura 11: Capa de uma edição do *Blumenauer Zeitung*, 1891.

Fonte: Hemeroteca Catarinense.

O primeiro jornal em português editado no Vale surge em 1924, e mesmo após os anos 1930 alguns continuam circulando clandestinamente em idioma alemão. A partir da Revolução de 1930, o Vale do Itajaí foi obrigado a renunciar a toda sua rede de comunicação em língua estrangeira. Até então, o governo nacional pouco se preocupava com a germanidade do Vale do Itajaí; depois, o discurso assimilacionista torna-se mais forte. A língua portuguesa só começou a ser utilizada como língua oficial nas colônias do Vale a partir da Revolução de 1930. A partir de 1939, radicalizou-se: todas as publicações em língua estrangeira foram proibidas - o que representou um golpe irreversível na imprensa teuto-brasileira. Foi reprimido o uso cotidiano da língua alemã (inclusive nos cultos religiosos). Fecharam-se as instituições e associações comunitárias, recreativas e culturais (MAUCH, 1994).

Seyferth (2011) destaca também a presença das diversas associações recreativas e culturais instaladas no Vale, e que estavam ideologicamente vinculadas ao nacionalismo alemão. "Espaços de convivência, lugares da sociabilidade, eram imaginados como expressão do 'espírito (associativo) germânico'." (SEYFERTH, 2011, p. 54). Ainda segundo a autora, estas estavam presentes desde os centros urbanos até as linhas coloniais. Tinham



um perfil aparente de associações recreativas ou esportivas, como clubes de tiro e ginástica, mas nelas eram realizadas apresentações culturais: "representações teatrais, sessões de música e outras atividades relacionadas com a noção de *Kultur* numa contextualização germânica que valorizava a 'consciência' linguística e o *Deutschtum*." (SEYFERTH, 2011, p. 55).

### 3.1 IMAGENS E DISPUTAS IMPERIALISTAS

Ao analisar a dimensão cultural da imigração, Seyferth (2011, p. 48) enfatiza que:

O período histórico, portanto, é o da "grande imigração" e da instauração da República de 1889, que põe em evidência a formação do Estado nacional permeada por um sistema mundial produzido, entre outras coisas, pela expansão do colonialismo e do capitalismo, e pela emigração em massa de europeus.

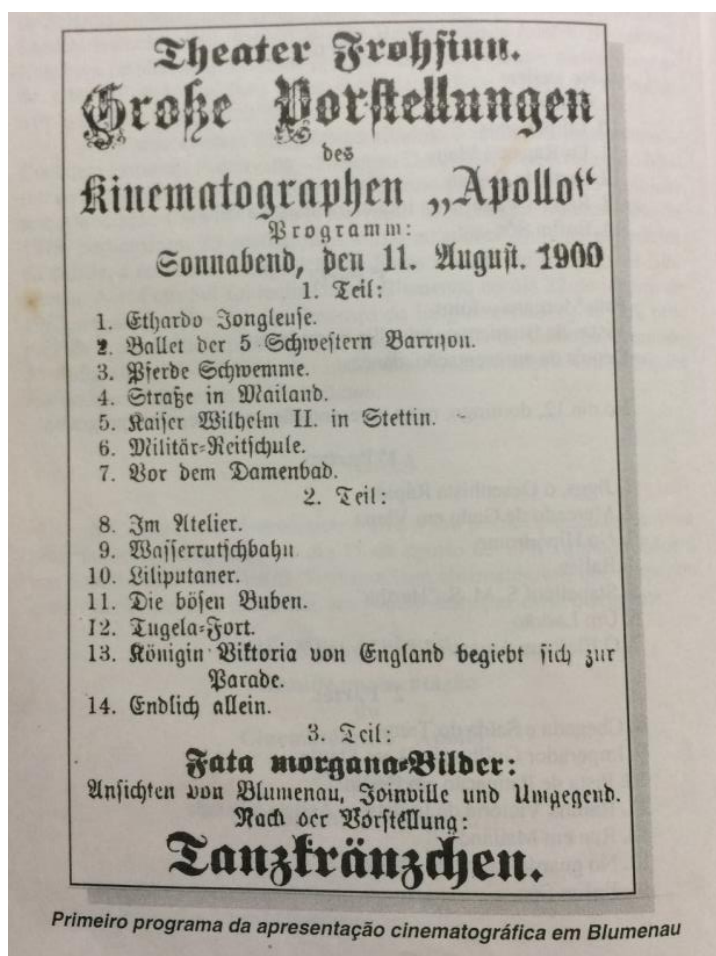
Assim, destaca a circulação intensa de viajantes, geógrafos e outros cientistas pelo Vale como vetor de espalhamento de ideias relacionadas ao nacionalismo alemão, que conformaram o que se tem denominado de germanidade. Questionamos, pois, se as imagens fílmicas exibidas neste território a partir de 1900 também podem ser abordadas sob este prisma. Ou seja, para além de contribuírem com a formação desta identidade por serem notadamente exibidos em língua alemã, por seu conteúdo, podem ser considerados propaganda do Estado Alemão? Não encontramos elementos para responder exatamente a esta pergunta, entretanto, a análise da programação dos filmes exibidos no período é bastante reveladora.

David Harvey (1992) dedica um capítulo em sua obra "A condição pós-moderna" ao tempo e espaço no cinema pós-modernista. O autor se preocupa em enxergar o filme como o resultado de um processo que envolve várias facetas da realidade social. Para ele, um filme está inserido dentro de um tempo e um espaço, não somente absoluto ou relativo, mas, sobretudo, relacional. O modo como o cinema retrata a realidade também altera a percepção que os espectadores têm desta realidade. A ideologia do cinema se afirma na medida em que ele transfere uma informação, que pode ser oriunda de diversas partes do mundo e sobre os mais diversos assuntos, e o modo que essa mesma informação altera nossa concepção de mundo.

No Vale do Itajaí, o cinema não existia ainda em meados do século XIX quando a maior parte dos colonos viera para terras brasileiras. Entretanto, já no início do século XX, as películas cinematográficas vindas do continente europeu, mesmo ainda não sonoras, foram um meio de conexão dos imigrantes com a terra natal. Estes filmes, ainda de curta duração quando anteriores a década de 1920, continham imagens da Europa, além de servir como noticiário dos acontecimentos recentes. É possível dividir o modo como ocorriam as exibições e suas respectivas programações em fases para melhor compreender o papel do cinema no cotidiano da população.

Durante uma primeira fase, entre 1900 a década de 1920, os filmes tinham um caráter mais informativo, com notícias do Brasil e do exterior. Os filmes exibidos, ainda mudos, eram na maioria das vezes filmagens de paisagens e apresentações divididas em peças, como demonstra a figura 12,

que mostra o cartaz da primeira exibição cinematográfica no Vale, ocorrida no ano de 1900. Nesta primeira exibição, em Blumenau, tanto o anúncio quanto toda programação eram feitas no idioma alemão.



**Figura 12: Cópia da programação da primeira exibição cinematográfica em Blumenau.**  
 Fonte: Blumenau em Cadernos. Acervo do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva, de Blumenau.

Uma segunda fase, a partir do fim da década de 1920, já engloba filmes sonoros. Trata-se de filmes em sua maioria europeus e nacionais. O cartaz do Cine Busch apresentado a seguir, de 1930, anuncia um filme alemão, um brasileiro e um francês, ainda que as informações complementares aparecessem ainda em língua alemã (Figura 13). Nesta mesma época, os anúncios de cinemas passaram a contar com informações complementares, como valor dos ingressos e qual modo de transporte coletivo as pessoas de cidades vizinhas poderiam utilizar para se deslocar ao início e fim das sessões.



Figura 13: Cópia da programação do Cine Busch divulgada no jornal *Die Volkszeitung* em 1931.

Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

A conexão entre continentes era essencial para a manutenção das exibições cinematográficas, tanto no viés do fornecimento das películas, principalmente até a década de 1930, quanto na questão do maquinário utilizado para efetuá-las. Bona e Linsmeyer (2010), discorrem a respeito das primeiras exibições cinematográficas na cidade de Itajaí no ano de 1909, citando a importância do intercâmbio entre continentes:

Naquela época, havia o intercâmbio de fitas cinematográficas por intermédio de grandes navios a vapor, denominados paquetes, que faziam as travessias dispondo de encomendas e correio. No dia 05 de novembro de 1909, jornal "O Pharol" publicou a interrupção temporariamente dos espetáculos do Cinema Catharinense, nas dependências do Teatro Guarany até que as novas fitas que se aguardava de um paquete chegasse.

Para compreender estes intercâmbios e mudanças na programação de cinema do Vale, é útil perpassar o cenário alemão. Há registros de que pouco antes da primeira exibição do cinematógrafo dos irmãos Lumière na França, os irmãos Max e Emil Skladanowsky exibiram em novembro de 1895 a um público seletos as primeiras cenas curtas filmadas por eles mesmos na Alemanha. O aparelho utilizado pelos irmãos Skladanowsky, era, porém, diferente dos franceses. Chamado de Bioscopo, ele consistia em uma sequência de fotos que quando exibida criava a sensação de movimento. Ainda na Alemanha,

após 1920, o cinema se tornou cada vez mais popular, chegando a ter mais de 5 mil casas de exibição “*kintopp*”, como era chamado em 1920 (RICHTER, 2015).

Na Alemanha, o cinema surgiu como uma indústria paradigma da modernidade, exercendo força política e econômica, promovendo mediação cultural no seio da sociedade. Por volta de 1900, a maioria dos projetistas alemães eram itinerantes e considerados comerciantes de espetáculos, assim como os proprietários de circos. A partir de 1905 surgem os cinemas fixos, tornando-se cada vez mais elegantes. Após 1910, os pequenos distribuidores independentes se tornaram a força dominante.

Em 1911, os filmes narrativos longos (45-50min) já eram comuns, atraindo maior público e dobrando o número de distribuições, provocando um boom na indústria cinematográfica. Nesta época, somente de 10% a 20% dos filmes exibidos eram produções alemãs, muitas películas eram importadas da França, Estados Unidos, Itália e Dinamarca.

Com a primeira guerra mundial, o cenário mudou e os filmes estadunidenses se tornaram as principais opções, em virtude do recuo do setor exibidor europeu. Entretanto, neste momento o cinema alemão ganhou força como propaganda de Estado, difundindo a ideia do colonialismo alemão. Em 1917 é formada a Universum-Film Aktiengesellschaft (UFA), a qual foi a primeira corporação de cinema totalmente integrada da Alemanha. Ao longo dos anos 1920, a indústria cinematográfica alemã se torna a principal competidora do cinema Hollywoodiano.

No Vale, no início da década de 1940, já podemos notar como os filmes eram exibidos totalmente em português (figura 14) e a as produções exibidas deixaram de ser majoritariamente europeias. O cinema nacional tem destaque, e as produções hollywoodianas tomam conta das salas de cinema.



Figura 14: Cópia da programação do Cine Busch divulgada no jornal A Nação em 1943.  
Fonte: Hemeroteca Catarinense.

Assim, conforme a ideologia nacionalista brasileira ganha forma mediante o Estado Novo, a programação cinematográfica do Vale vai se alterando. Os filmes alemães tornam-se escassos, os filmes brasileiros aparecem, mas, o que é notável na transição da década de 1930 para a década de 1940 é a conquista da programação pela indústria cinematográfica estadunidense. Note-se, portanto, que o cinema moderno é inserido em meio ao contexto das disputas imperialista entre as grandes guerras: a decadência do imperialismo inglês, e a disputa entre França e Alemanha para tomarem seu



posto. Essas disputas e conflitos, influenciaram a programação exibida no Vale do Itajaí até os anos 1930 e convergiram para uma nova grade de exibições e restrições de algumas películas de certas nacionalidades estrangeiras. Com o pós-guerra e a hegemonia conquistada pelos EUA, o cinema hollywoodiano se tona muito mais presente no cotidiano da sétima arte, não só no Brasil, como também na escala global.

#### **4 INVESTIMENTOS DO CAPITAL COMERCIAL E INDUSTRIAL**

A elite comercial do Vale, notadamente a partir de 1880, origina as primeiras indústrias têxteis de Blumenau. No início destas indústrias, o contato dos imigrantes com seu país de origem garantiu que a Alemanha atuasse de maneira notável como fornecedora de matérias-primas semielaboradas, e, posteriormente, na transferência tecnológica.

O imigrante alemão do sul do Brasil, que começava a juntar capital em sua ascensão social, possuía conexões com a Europa suficientes para trazer maquinários necessários para a indústria têxtil e mão de obra especializada. Também contavam com os imigrantes que trabalhavam nas indústrias alemãs previamente e que agora residiam no Brasil como imigrantes.

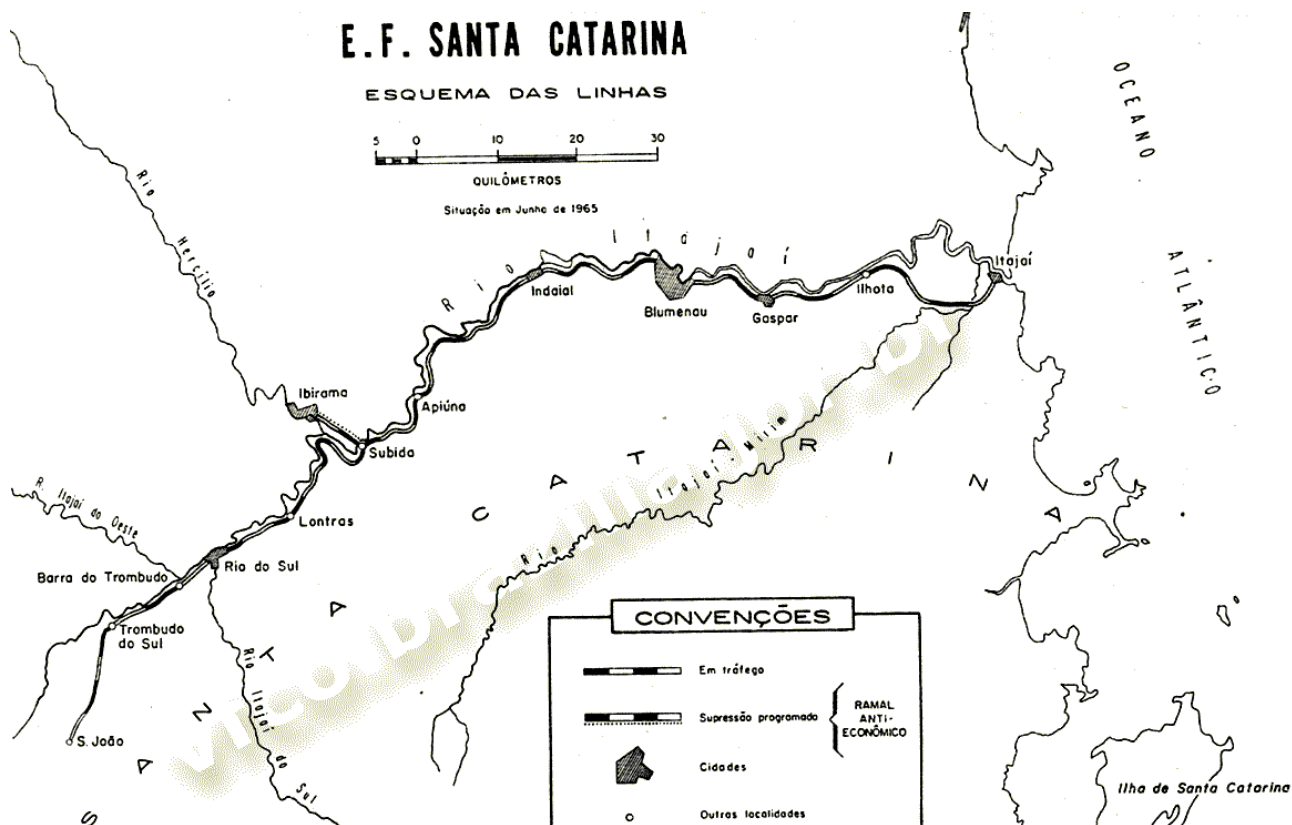
Segundo Jungerfeld (2013), era comum os filhos de industriais serem enviados à Alemanha para aprofundar seus estudos técnicos no setor em que se especializavam. Outro apoio de destaque, era proveniente do banco alemão *Deutsche Bank*, que juntamente com outras empresas, financiou a construção da estrada de ferro regional do Vale. Blumenau chegou a organizar seu próprio banco, com agências em 7 cidades de Santa Catarina. Este, foi fechado em 1942 pelo Governo Federal por injunções políticas.

No Brasil do início do século XX, com o desenvolvimento de novas tecnologias industriais e a chegada delas ao Vale, torna-se necessária a implantação de uma usina hidrelétrica. Até então, somente os industriários contavam com energia provinda de seus geradores próprios. Segundo Carminatti (2017), em 1909, uma pequena usina hidrelétrica é construída na cidade de Gaspar, que inicialmente foi destinada somente para geração de energia para iluminação, mas que aos poucos foi sendo aproveitada pelas empresas para o crescimento de sua produção.

Como iniciativa de Guilherme Busch, a primeira usina hidrelétrica de Blumenau, no Salto Weissbach, como citado anteriormente, foi construída em 1915 e contava com duas turbinas e dois geradores importados da Alemanha, trazendo energia elétrica à cidade. Logo em seguida, Busch também amplia seu investimento no setor da energia elétrica para a cidade de Itajaí, possibilitando iluminação pública e energia para o primeiro gerador que fez o cinematógrafo funcionar também na cidade vizinha.

O incentivo de construções de usinas hidrelétricas foi impulsionador importante para o desenvolvimento regional, permitindo acesso a novas tecnologias em todo o Vale, dentre elas, as grandes salas de cinema.

A partir da Revolução de 1930 a indústria nacional precisou ampliar seu mercado. O primeiro passo foi a construção de uma malha viária e ferroviária (figura 15) que suprisse as necessidades de mobilidade em todo território nacional. Em Santa Catarina não foi diferente. Inaugurada em 1909, a Estrada de Ferro de Santa Catarina (EFSC) ia de Blumenau a Ibirama. Na década de 1930 a estrada de ferro sofreu expansões e é inaugurada em 1936 a estação de Rio do Sul. Por fim, passou a ligar Trombudo Central a Itajaí. Em uma época em que o principal meio de transporte era a carroça que andava em média a 8km/h, a linha ferroviária e seus 35km/h era um meio de transporte rápido e seguro.



**Figura 15: Estrada de Ferro de Santa Catarina, 1965.**  
Fonte: Sistema Ferroviário da RFFSA - 31 / XII / 1965

De acordo com Angelina Wittmann (2010), a construção da EFSC teve influência das revoluções europeias dos séculos XVIII e XIX. A linha de trem, além de permitir a expansão de insumos e tecnologia, era utilizada para que pessoas de cidades vizinhas tivessem acesso a exibições cinematográficas que aconteciam em cidades como Blumenau, Itajaí e Brusque.

As questões relacionadas aos transportes e geração de energia elétrica no Vale do Itajaí foram primordiais para o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade. Graças a iniciativa de industriários, investidores de infraestruturas e do Estado, as cidades formadas pela colônia Blumenau e adjacentes começaram a criar uma rede urbana interligada, em que podemos identificar a passagem dessa infraestrutura de uma cidade para outra. Assim como a energia elétrica que se iniciou em Blumenau, no médio vale, e consequentemente foi abrangendo novos núcleos urbanos da região.

Após a segunda guerra mundial, a ideologia de consumo, crescimento econômico e planejamento foram grandes remodeladores do espaço nacional. Abre-se as perspectivas da revolução técnico-científica. A partir dos anos 1970, com maior circulação de informações e produtos, o meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006) se instala nos territórios do sul e sudeste do país. As informações e finanças passam a ser imprescindível e destacas ambas as regiões do restante do território nacional.

Após essa revolução técnico científica, novas tecnologias foram sendo adaptadas em todo o mundo. Em território nacional, foi notória a mudança dos centros urbanos, e com ela o modo de consumo. O campo cinematográfico acompanhou a evolução e se adequou a formatos de áudio e vídeo mais aprimoradas, porém, que precisavam de um investimento muito mais elevado do que os tradicionais cinemas de rua dispunham. Aos poucos com a abertura dos shoppings centers, as salas também migraram para estes locais, que dispunham de conforto térmico e acústico avançados, e se inicia a era do multiplex.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Zona de colonização alemã de Santa Catarina, mais especificamente o recorte do Vale do Itajaí, apresenta cidades pequenas e médias com particularidades em relação a atividade industrial, arquitetura e modo de organização espacial. Dentre estas particularidades, o modo como o cinema com sua técnica “moderna” em comparação ao cenário remoto do início do século XX na região, se destaca pelo caráter precoce. Sob influência das indústrias locais, principalmente têxteis, as infraestruturas do Vale, incluindo linhas férreas e rodoviárias, permitiram que as salas de exibição cinematográfica se difundissem pela região, chegando à envergadura de 68 salas de cinema fixas ao longo do século XX. Estes locais de exibição, que no início eram itinerantes ou exibições fixas em salões e teatros, com películas predominantemente de origem europeia até a década de 1930, serviram como uma forma de adaptação, e ligação e assimilação cultural para com a terra de origem destes imigrantes.

A forte germanidade (*deutschum*) que levou a proibição da língua estrangeira falada na região em 1939, também foi forte característica que impulsionou o desenvolvimento econômico e regional. Em meados do século XX, as zonas de colonização alemã somavam aproximadamente 50% da produção industrial de Santa Catarina, porém estes colonos representavam somente 20% da população total do estado (MAMIGONIAN, 1965). Estes imigrantes, provinham da civilização semi-industrial de uma Alemanha ainda não unificada e em crise pós-revolução industrial. A ascensão industrial do Vale

ocorreu principalmente após a vinda da energia elétrica, no início do século XX. O mesmo idealizador da primeira Hidroelétrica de Blumenau, foi também o primeiro proprietário de cinema fixo da região, F. G. Busch. A expansão das salas de exibição cinematográficas em todo o Vale do Itajaí, acompanham o desenvolvimento regional, e são frutos de proprietários de indústrias e comércios em várias cidades, principalmente as cidades polos – Blumenau, Itajaí e Brusque.

As salas de cinema, mantem um diálogo entre os interesses de um capital emergente, que almejavam avanços tecnológicos e que fossem independentes do eixo Rio-São Paulo. Assim, encontraram como alternativa os laços entre o continente europeu e seus imigrantes e a proximidade da foz do rio Itajaí e o porto. Estas características culturais sob tendências europeias de fomento a cultura e lazer, tornaram os cinemas uma programação rotineira e acessível a várias classes sociais com patrocínio das indústrias locais. Este tipo de colonização criou um mercado de consumo regional relativamente amplo, graças à divisão social do trabalho, e por conseguinte acessos a infraestruturas e lazer superiores aos encontrados no quadro mediano brasileiro do século XX.

Assim, nota-se que a precocidade e expressividade da rede exibidora do Vale do Itajaí encontra explicação numa dimensão estrutural e outra ideológica. Estrutural porque relaciona-se ao desenvolvimento comercial e industrial da região. Ideológica porque participou da criação de um consenso sobre a germanidade da região, e acabou contribuindo para o histórico apagamento de outras etnicidades presentes nas cidades do vale.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS**

BAUMGARTEN, Christina. O mágico de três continentes: A história de Walter Mogk. Blumenau: Hb, 2001.

BONA, Rafael Jose. Do Teatro Frohsinn aos cinemas do shopping: a história do cinema em Blumenau. In.: REIS, Clóvis (Org.). Realidade regional em comunicação: perspectivas da comunicação no Vale do Itajaí. Blumenau: Edifurb, 2009.

BONA, Rafael José; LINSMEIER, Juliana. A História do cinema no município de Itajaí/SC. In. Anais... XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Novo Hamburgo /RS, 17 a 19 de maio de 2010.

BRASIL. Decreto-Lei nº 406, de 04 de maio de 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 27 de março de 2020.

BRUSQUE MEMÓRIA. Antigo Cine Gracher, Brusque, 2018. Disponível em: <<https://www.brusquememoria.com.br/acervo-imagem/3166>>. Acesso em: 20 de jun. 2021.



CARMINATTI, Karol Diego. Cidade, apropriação e urbanidade: O traçado urbano de Blumenau como sistema de espaços públicos, 2017. 141 p.

CASTRO, Iná Elias de. Escala e pesquisa na geografia. Problema ou solução? Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia – UFRJ. Espaço Aberto [online], 4.1 (2014). p. 87-100.

GRACHER, Nayr; ADAMI, Luiz Saulo; ROSA, Tina. Gracher: Uma empresa faz 100 anos. Brusque, Editora S&T, 2005.

JURGENFELD, Vanessa Follmann; SILVA, Ana Lucia Gonçalves da. O capital originário das grandes empresas têxteis de Blumenau e Brusque. TEXTOS DE ECONOMIA, v. 16, p. 68-94, 2013.

KORMANN, Edith. Blumenau: Arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Paralelo 27: Florianópolis, Vol. IV, 1996.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola, São Paulo, 1992. 352 p.

LINHARES, Juventino. O que a memória guardou. Itajaí: Editora da Univali, 1997.

LUCLKTENBERG, Isabela Albertina Barreiros. A indústria têxtil catarinense e o caso da Cia. Hering. 2004. 261 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004.

MAMIGONIAN, Armen. 1965. “Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau”. Revista Brasileira de Geografia, XXVII (3):389-481.

\_\_\_\_\_. Vida Regional em Santa Catarina. In: Orientação: IGEO/USP, set.1966.

\_\_\_\_\_. Habitat rural e urbano. In: Atlas Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis: IBGE/DEGC, 1958.

MARIA, Regina Weissheimer; VIEIRA, Dalmo. O patrimônio cultural da imigração em Santa Catarina. Brasília, DF : Iphan, 2011.

PIRES, Zeca. Cinema e história: José Julianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do cinema catarinense. Edifurb: Blumenau, 2000.

PIRES, José Henrique Nunes. DEPIZZOLATTI, Norberto Verani. ARAÚJO, Sandra Mara de. O cinema em Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

\_\_\_\_\_. A cotidianidade do cinema. Contracampo, V. 36, n. 3, 2017. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v36i3.1002>>. Acesso em 16/08/2020.

\_\_\_\_\_. Telas migrantes: uma geografia urbana das salas de exibição comercial no Brasil do século XXI. SOCINE - Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. v. 9, n. 1, 2020.

RICHTER, J. P. Do Kintopp ao Multiplex. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20652941.html>>. Acesso em: 2 abril 2017.

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. Espaço e método. Nobel, São Paulo, 1985, (3ª edição: 1992).

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

\_\_\_\_\_. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo, Editora Record, 2001, 474 pp.

SEYFERTH, Giralda. "Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania: A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro". Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1994.

\_\_\_\_\_. A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

\_\_\_\_\_. Concessão de terras, dívida colonial e mobilidade. Revista Estudos Sociedade e Agricultura; Vol 4, No 2. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. A dimensão cultural da imigração. Revista brasileira de ciências sociais, vol. 26, nº 77, p. 47-62, out. 2011.

WAIBEL, Leo. Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, nº2, ano XI, abr.-jun. 1949.

WITTMANN, Angelina. A Ferrovia No Vale Do Itajaí. Estrada De Ferro Santa Catarina. Blumenau: Editora EDIFURB, 2010. 304 p.